

MOSCOU BUSCA FORTALECER LAÇOS NA ANTIGA ESFERA SOVIÉTICA

Por Michael Ritchie (Edição)*



Swallow Studio/Shutterstock.

Os planos da Rússia para diversificar os mercados do seu petróleo e gás dependem, em grande medida, dos seus vizinhos do sul.

De acordo com o CEO da Gazprom, Alexei Miller, a gigante estatal russa do gás pretende assinar acordos de fornecimento de gás de longo prazo com o Cazaquistão, o Uzbequistão e o Quirguistão no próximo ano para compensar o colapso das exportações de gasodutos para a Europa.

As ambições de Moscou poderão tornar ainda mais difícil a realização do equilíbrio entre a Rússia e o Ocidente pelos países da antiga União Soviética. Na verdade, o Cazaquistão e o Uzbequistão foram visitados pelo presidente francês, Emmanuel Macron, na semana passada, e estão recebendo visitas do secretário adjunto dos EUA do Gabinete para os Assuntos da Ásia Central e do Sul, Donald Lu, esta semana, enquanto o Ocidente tenta fortalecer os laços e combater a influência da Rússia e da China na região.

Para impulsionar a posição de Moscou na Ásia Central, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, chegará a Astana no dia 9 de novembro para discutir todos os lados da cooperação entre os dois países, incluindo investimentos mútuos, segundo o Kremlin. Espera-se que os laços energéticos também estejam na agenda.

GRANDES AMBIÇÕES

A Gazprom tem como meta contratos de fornecimento de 15 anos com seus vizinhos, disse Miller, sem revelar quaisquer detalhes sobre os volumes de gás que seriam fornecidos aos três países.

A procura combinada do Cazaquistão e do Uzbequistão por gás importado foi anteriormente estimada em cerca de 20 bilhões de metros cúbicos por ano, uma vez que sua produção interna não cobre as crescentes necessidades domésticas.

A Gazprom já fornece gás ao Uzbequistão através do Cazaquistão. Os fluxos começaram em 7 de outubro sob um contrato de dois anos para 2,8 BCM¹/ano.

No entanto, ambos os países da Ásia Central podem ser cautelosos, por enquanto, quanto à contratação de grandes volumes provenientes da Rússia, que foi atingida por sanções internacionais devido à guerra na Ucrânia.

Em agosto, o Uzbequistão concordou em comprar gás à potência petrolífera da Ásia Central, o Turquemenistão, que está preocupado com os esforços da Rússia para aumentar suas vendas de gás na região.

VISANDO A CHINA

Miller disse que, no âmbito de sua cooperação com os estados da Ásia Central, a Gazprom tem discutido a possibilidade de trânsito de gás através do seu território para países terceiros.

Ele não mencionou esses países, mas a China é o destino mais provável porque é fundamental para os esforços da Gazprom para redirecionar seus fluxos de gás para o Leste, depois de perder vendas na Europa.

O gás russo poderia potencialmente fluir para a China como parte de um acordo de fornecimento de gás entre o Cazaquistão e a China assinado em meados de outubro, dado o déficit de gás do Cazaquistão.

O Ministro da Energia do Cazaquistão, Almasadam Satkaliyev, disse na semana passada que o novo contrato é de 10 BCM/ano a serem fornecidos em 2023-26.

ATO DE EQUILÍBRIO

As economias e a segurança do Cazaquistão e do Uzbequistão continuam fortemente ligadas à Rússia. O fornecimento de gás poderia fortalecer os laços, além da elevada dependência de Astana da Rússia para as exportações de petróleo do Cazaquistão.

Na véspera da sua visita, Putin, em um artigo escrito para a imprensa cazaque, disse que a Rússia está pronta para ajudar na gaseificação das regiões norte e leste do Cazaquistão, enquanto a empresa estatal Rosatom poderia desenvolver um projeto para a construção da primeira central nuclear que o Cazaquistão está considerando.

¹ BCM: Billion Cubic Meters. Em português, Bilhões de Metros Cúbicos.

O presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev, em um artigo semelhante para a imprensa russa, escreveu que seu país quer utilizar plenamente seu potencial de trânsito e está pronto para transportar volumes maiores de gás russo.

No entanto, os vizinhos da Rússia também não têm planos de prejudicar suas relações com o Ocidente. Tokayev repetiu várias vezes que seu país não vai ajudar a Rússia a contornar as sanções ocidentais.

Macron estaria buscando suprimentos de urânio do Cazaquistão para substituir os da Rússia e na sequência dos problemas da França na África. A Europa também está interessada em maiores remessas de petróleo do Cazaquistão para substituir os volumes russos.

As conversações com os EUA deveriam centrar-se em “uma série de questões de interesse mútuo, incluindo cooperação política e de segurança, parceria econômica, proteção dos direitos humanos e laços entre pessoas”, segundo o *website* do Departamento de Estado dos EUA.

DEGELO AZERI

A Rússia também está estreitando seus laços com o Azerbaijão.

Em uma recente reunião do vice-primeiro-ministro russo, Alexander Novak, com o ministro da Economia do Azerbaijão, Mikayil Jabbarov, as partes “discutiram a expansão da cooperação entre os dois países nos setores do petróleo e gás e da energia elétrica e o desenvolvimento de fontes de energia renováveis”, segundo uma declaração do governo russo.

Novak disse que as empresas russas estão prontas para expandir sua cooperação com o Azerbaijão. “Em particular, há uma série de novas iniciativas para o trânsito e processamento de hidrocarbonetos russos utilizando capacidades do Azerbaijão”, disse Novak.

A Lukoil já está enviando seu petróleo para a refinaria Star, na Turquia, controlada pela petrolífera estatal azeri Socar.

Na semana passada, a Tatneft e Socar assinaram um roteiro de cooperação “nas esferas da produção e refino de petróleo, vendas de petróleo e produtos petroquímicos, desenvolvimento de capital humano e em outras áreas”, disse o serviço de imprensa do Ministério da Economia do Azerbaijão.

Alguns analistas dizem que Baku está recompensando Moscou por apoiar o Azerbaijão no conflito com a Armênia sobre Nagorno-Karabakh.

Publicado na [Energy Intelligence](#).

**Michael Ritchie é editor da Nefte Compass, principal oferta da Energy Intelligence que cobre questões energéticas na Rússia, no Cáspio, na Ásia Central e na Europa Oriental. Ritchie trabalha com uma equipe de repórteres nos escritórios em Moscou e Londres. Seus próprios escritos centram-se no Cáspio e na Ásia Central, e ele tem falado sobre questões energéticas da região em conferências internacionais. Ritchie trabalhou anteriormente como chefe do escritório de Londres. Antes de ingressar na Energy Intelligence, trabalhou para a Reuters e para a Middle East Economic Digest, além de escrever artigos como freelance para as principais publicações de notícias e aparecer como comentarista em canais de transmissão internacionais. Ritchie é formado em Estudos Orientais, com especialização em Língua Árabe Moderna, pela Universidade de Durham.*
